



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

TAINÁH SÔFFA ROCHA

**A PROPOSTA CURRICULAR DO PROGRAMA SABERES DA TERRA: A TURMA
DO DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO ITUPIRANGA (PA)**

MARABÁ (PA)

2014

TAINÁH SÔFFA ROCHA

**A PROPOSTA CURRICULAR DO PROGRAMA SABERES DA TERRA: A TURMA
DO DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO ITUPIRANGA (PA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará, Campus de Marabá como requisito para obtenção do título de Graduação em Pedagogia do Campo.

Orientadora: Prof. Msc. Cleide Pereira dos Anjos

MARABÁ (PA)

2014

TAINÁH SÔFFA ROCHA

A PROPOSTA CURRICULAR DO PROGRAMA SABERES DA TERRA: A TURMA DO DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO ITUPIRANGA (PA)

Defesa Pública em: 13/02/2014.

Banca Examinadora:

Orientadora: Prof^o. Msc. Cleide Pereira dos Anjos

Banca: Prof. Msc. Aracy Helena M. de Oliveira

Banca: Prof^o. Msc. Silvana de Sousa Lourinho

DEDICATORIA

Ao meu filho Victor Gabriel, minha mãe Antonia Sôffa (in memoriam), que hoje só estou podendo estar aqui a te homenagear graças à senhora pela sua dedicação, companheirismo e acima de tudo meu alicerce.

Aos amigos Dejaime Martins, Maria Silva e João de Deus (in Memoriam), vocês fazem muita falta e contribuíram muito na minha caminhada.

A todos os meus familiares que compreenderam a minha ausência durante a minha formação acadêmica. Foi necessária esta ausência para a realização dos meus trabalhos do tempo comunidade.

Aos colegas da turma de pedagogia, em especial a Dejaime Martins (in Memoriam), Neuton Costa. Deusilene Santos, que durante todo curso dividimos os mesmos espaços, em kit-nets, procurando sempre ajudar uns aos outros.

E a todos os professores que contribuíram diretamente e indiretamente para a construção deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por mais esse desafio superado.

Aos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais que lutaram para que esse curso se tornasse realidade. Aos Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais e, em especial, ao STTR de Itupiranga da qual faço parte.

À Federação dos Trabalhadores(as) na Agricultura- FETAGRI, pela oportunidade proporcionar aos trabalhadores (as) o acesso a uma educação diferenciada e de qualidade.

A todos os educadores (as) que passaram pela turma deixando suas contribuições e nos desafiando a sempre buscar novos aprendizados em especial ao Dan e Mano pelo período de colaboração e construção coletiva.

A minha orientadora Cleide, por me oportunizar muitos aprendizados durante suas orientações. E principalmente por acreditar no meu potencial em realizar esse trabalho. Que continue sempre acreditando na luta dos trabalhadores (as) e em uma educação do campo de qualidade, que as utopias tornem-se realidade.

Aos educandos(as) e a professores da Escola Vinicius de Moraes na qual foi realizado este trabalho que sempre estiveram disposto a colaborar. As comunidades que desenvolvi pesquisas e estágios nos tempos comunidade.

Aos colegas de turma que sempre estiveram dispostos a contribuir para a aprendizagem coletiva. As minhas amigas (os) Nilde, Terys, Lenny, Neuton, Dejaime, André Luiz e José Hilton pela troca de experiências.

*Quem ensina aprende ao ensinar e quem
aprende ensina ao aprender.*

(Paulo Freire, 1996)

RESUMO

O estudo apresenta reflexões acerca da proposta Curricular do Programa Pro Jovem Campo Saberes da Terra, materializada na turma do Distrito de São Sebastião que funcionou em uma sala da Escola Vinicius de Moraes, localizado no assentamento Rio da Esquerda a 110 km da sede município de Marabá, Sudeste do Pará. O objetivo do estudo foi conhecer o currículo proposto do Programa Saberes da Terra e como foi praticado - como este se materializa – em turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) ministrada na escola citada, seus princípios tem como objetivo a Educação do Campo. Trata-se de um estudo de caso realizado a partir de abordagens qualitativas. O trabalho de pesquisa foi desenvolvido a partir da observação e análise do cotidiano pedagógico, diálogo informal e entrevista realizada com os professores e alunos que atuam nesta turma. Para a construção do estudo é realizado um breve história acerca da memória da Educação do Campo em nível Nacional, Estadual e Regional. Proposta Curricular do Programa Saberes da Terra, e a Implantação do programa no Município de Itupiranga, sendo estes elementos conceituais de base teórica assumidos na análise das práticas pedagógicas exigidas do programa observadas na turma e sobre as percepções dos professores sobre seu fazer pedagógico. Como resultado do trabalho constatou-se que o fazer pedagógico da turma é fundamentado na Proposta Curricular do Programa Saberes da Terra, sendo que o proposto pelo programa é seguido com muitas dificuldades e contradições; que na maioria das vezes as práticas pedagógicas dos professores não fogem das características de uma prática tradicional, justificando-se o fato pela dificuldade que a professores enfrentaram em compreender a proposta curricular do programa alegando a dificuldade e trabalhar com os alunos em modalidade EJA, e mesmo com todas as dificuldades apontadas conseguiram de forma tímida assumir um papel de comprometimento com a proposta do programa assim ambos se ajudaram, contudo, os princípios da Educação do Campo foram alcançados.

Palavras Chaves: Educação Campo Currículo Itupiranga Saberes.

LISTA DE SIGLAS

CPT: Comissão Pastoral da Terra

CONTAG: Confederação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura

CEB (Comunidades Eclesiais de Base)

DOEBEC: Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo

EFA: Escola Família Agrícola

EJA: Educação de Jovens e Adultos

ENERA: Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária

FETAGRI: Federação dos Trabalhadores na Agricultura

FREC: Fórum Regional de Educação do Campo

FONEC: Fórum Nacional de Educação do Campo

GO: Goiás

INCRA: Instituto de Colonização na Reforma Agrária

LDB: Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MAB: Movimento dos Atingidos por Barragens

MST: Movimento Sem Terra

MEC: Ministério da Educação e Cultura

MSTTR: Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais

PA: Pará

PDDE: Programa Dinheiro Direto na Escola

PRONERA: Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

SEMED: Secretaria Municipal de Educação

SECAD: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

SEDUC: Secretaria Executiva de Educação

STTR: Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais

SOME: Sistema de Organização Modular de Ensino

UFPA: Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1.- EDUCAÇÃO DO CAMPO E UMA PORPOSTA CURRICULAR ADEQUADA A ESTE PROJETO: UMA EDUCAÇÃO PARA O CAMPO.....	13
1.1.- Educação do Campo e seus Princípios.....	16
1.2.- Educação do Campo no Sudeste do Pará.....	18
1.3.- Educação do Campo. Possibilidades de Transformação para as Escolas do Campo.....	23
2.- A PROPOSTA CURRICULAR DO PROGRAMA SABERES DA TERRA.....	26
2.1.- Currículo descontextualizado e Autoritário.....	29
2.2.- Currículo Contextualizado e Formação Integral.....	31
2.3.- O Currículo do Saberes da Terra: Concepções e Desafios.....	32
2.4.- Como se dá à Formação dos Educadores e Certificação.....	35
3.- O PROGRAMA SABERES DA TERRA: MUNICÍPIO DE ITUPIRANGA (PA)....	37
3.1.- A implantação do Programa Saberes da Terra no Município de Itupiranga.....	38
3.2.- A Importância do Tempo – escola e Tempos- comunidades, no Saberes da Terra.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46
ANEXOS.....	50

INTRODUÇÃO

O estudo trata – se de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que busca socializar o resultado da pesquisa sobre a Proposta Curricular que o Programa Pro Jovem Campo Saberes da Terra. Este programa trata diretamente sobre educação do campo e foi escolhido apenas uma das turmas para fazer parte deste estudo. Fiz esta opção desta turma por que as duas têm uma diferença de 200 km de distância uma da outra e esta fica mais próxima do local de trabalho da pesquisadora e, como ficou inviável desenvolver este trabalho com as duas turmas e por isso foi escolhido esta. O trabalho abordará um estudo do currículo do Programa Saberes da Terra e tem como problema de pesquisa a questão sobre como os educadores executaram o currículo do programa saberes da terra no distrito de São Sebastião no município de Itupiranga (PA).

Esta turma funciona na Escola municipal de Ensino Fundamental Vinicius de Moraes, no Distrito de São Sebastião no município de Itupiranga (PA). O distrito de São Sebastião é uma comunidade com cerca cinco (5) mil habitantes (Dados departamento de educação do campo), já bem desenvolvida tendo vários comércios e lojas importantes no mercado do sudeste Pará, têm energia elétrica, quatro (4) telefones públicos localizados em cada bairro o mesmo fica localizada a 110 km da sede do município de Itupiranga (PA) no Sudeste do Pará.

O interesse de escrever sobre este tema surgiu a partir do momento em que fui convidada a coordenar duas turmas do Pro Jovem Campo Saberes da Terra este programa busca valorizar a realidade camponesa e fortalecer a agricultura familiar, assim ajudando na permanência da família em seus lotes e como trabalhar com a terra.

O público alvo são jovens entre 18 e 20 anos de idade que não tenham terminado o ensino fundamental (5ª a 8ª). No município de Itupiranga (PA), em 2009 permaneci coordenando por nove meses.

Com o passar dos meses o contato com o currículo do programa me impulsionou a registrar todos os momentos possíveis, nos quais eu estava presente para fazer uma memória dessas turmas. Daí observar como os educadores e educandos se comportavam com um

currículo diferenciado. E uma pergunta, ficava bem transparente na vida de cada educador, O que é a educação do campo?

E como estudante do curso de pedagogia do campo, e filha de agricultores, encontrei no Programa Saberes da Terra uma forma de que os filhos de agricultores que não tiveram a chance de estudar e que agora poderão concluir o ensino fundamental em dois anos, e com isso achei que seria interessante pesquisar uma das duas turmas que o município tem, é a turma que foi escolhida foi a do Distrito de São Sebastião. E como este programa trabalha diretamente com a educação do campo fiquei encantada em poder pesquisar e ver o impacto que causou na vida dos educadores e educandos.

Esta turma hoje tem 18 alunos ativos, este fato me possibilitaria um maior acompanhamento de como está sendo aplicado o currículo integrado que este programa propõe. Avaliar a sua aplicabilidade e como os educadores se comportam com tamanha diferença do currículo normal que a Secretaria do município de Itupiranga manda para as escolas do campo. A pesquisa nos possibilitará compreender melhor como está o processo de compreensão pelos educadores quanto dos educandos, sobre a aplicação deste currículo diferenciado.

Este programa é voltado para a educação básica de 5^a a 8^a série, com modalidade na Educação de Jovens e Adultos EJA, com duração de dois anos, acontecendo em alternância 15/15 dias Tempos Escola e Tempo Comunidade tendo de oito a dez horas dia aula, onde os educandos realizam seus planos de estudos. Os estudos são direcionados a cada módulo se tem um trabalho a desenvolver nos lotes de cada um. Como por exemplo, criar uma horta, ou fazer um viveiro com mudas de árvores favoráveis para a região e entre outros e os educadores, podem planejar e acompanhar as atividades do tempo comunidade dos educandos, assim possibilitando uma maior coletividade e rotação das atividades. E como seu currículo é diversificado a sua grade é dividida em eixos temáticos a metodologia tem como princípio buscar a experiência de vida dos sujeitos.

O trabalho é estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo apresentamos a nível Nacional, Educação do Campo, dentro falamos sobre sua trajetória como se constituiu, movimento político de forma pedagógica. Ainda neste capítulo descrevo experiências e trajetórias a nível regional realizadas no Sudeste do Pará, seus princípios identidade camponesa e política. Sem esquecer que é para a construção de uma educação.

No segundo capítulo fazemos uma opção a crítica do modelo de educação rural com relação ao currículo desenvolvido. Precariedades das escolas do campo a falta de recursos. O currículo descontextualizado e autoritário e o que é educação rural e o que venha ser educação do campo. E assim fazemos uma relação entre os dois currículos o descontextualizado e o contextualizado. Também falamos da formação integral e como se dá a construção do currículo contextualizado.

Ainda neste capítulo falamos do Currículo do Saberes da Terra, suas concepções e desafios, tendo a valorização da educação e juntamente da agricultura familiar. Superação de tantas contradições com um currículo diferenciado. Sua organização curricular e as dimensões de atuação na formação de jovens e adultos e sua metodologia se embasa na Pedagogia da alternância.

No terceiro capítulo descrevemos o Programa Saberes da Terra, metodologia utilizada, campo de pesquisa em estudo. Neste fazemos um breve histórico da implantação do Programa no município de Itupiranga no Sudeste do Pará, bem como os sujeitos da pesquisa, abordagens metodológicas, desafios e descaso por parte da Secretaria de Educação do Município sem uma formação adequada. E os tempos escola e tempos comunidade sua importância dentro deste processo de formação a finalização da primeira turma suas dificuldades e ganhos, mesmo com tudo o fazer pedagógico e os esforços dos educadores contribuiu para um aprimoramento posterior do currículo do Programa Pro Jovem Campo Saberes da Terra e por fim algumas considerações sobre o trabalho.

Capítulo 1

EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA PROPOSTA CURRICULAR ADEQUADA A EDUCAÇÃO PARA O CAMPO.

Este capítulo tratará de como a educação do campo surge em âmbito nacional, seus princípios, conceitos e como vem sendo discutido a sua importância para uma mudança na educação. Educação do campo, seja em movimento político ou pedagógico é um paradigma que se inicia no século XX, que tem em sua caminhada marcada por grandes mobilizações em âmbito nacional, buscando se enraizar em todos os espaços. Os principais atores dessa discussão são agricultores entre inúmeros movimentos sociais como Federação dos Trabalhadores na Agricultura, Movimento dos trabalhadores sem Terra (MST), que buscam a reforma agrária e que se assegurem seus direitos fundamentais como a educação tornando tudo isso em Políticas Públicas.

E dentro das reflexões que nos permite ver questões básicas que podemos apontar é que há uma compreensão de inferiorização dos sujeitos estes que são do campo, estes que enfrentam realidades duras e que não compreendem como ainda podem lidar com a ausência de escolarização, mesmo que tenham leis que garantem o direito de escola para todos, não se é garantido para eles este direito. E quando se tem um pouco, quer dizer se tem uma escola sem condições adequadas para o seu funcionamento e que resiste para que estes sujeitos possam adquirir escolarização, mesmo sendo esta educação que traz a realidade da cidade.

E durante todo seu processo que movimenta a educação do campo que vem se fazendo ao longo desses dez anos de grandes embates e mobilizações e posições do que o campo precisa. E como a autora Caldart afirma que:

[...] no debate teórico, o momento atual não nos parece ser o de buscar “fixar” um conceito, fechá-lo em um conjunto de palavras: porque isso poderia matar a idéia de movimento da realidade que ele quer apreender, abstrair, e que nós precisamos compreender com mais rigor justamente para poder influir ou intervir no seu curso. (CALDART, 2008, P.40)

O que tem que ser compreendido que o percurso que a educação do campo já fez não se pode fixar um conceito pelo fato que isso levaria a se tornar um conceito arbitrário e isso faria o conceito perder a sua raiz e a sua materialidade de origem e por ser uma novidade histórica que em seus princípios estão enraizados na realidade vivenciada.

Para que os sujeitos que vão ao embate possa valorizar o campo com todo seu histórico de lutas e preconceitos e direitos negados é preciso pensar que os debates da educação do campo nos últimos dez anos possibilitaram juntar um número representativo de movimentos sociais e sindicais. Essa unidade se dá na compreensão do campo, como um espaço de produção e reprodução, tanto de vida como de trabalho e da mudança de relação com a natureza e como acolher as várias diversidades de sujeitos e de suas condições dentro deste movimento.

A educação do campo se torna a principal ação que se gerou, após tantas mobilizações de modo que a educação do povo do campo se tornou tema de grandes debates para a sociedade em geral.

A sociedade Agrícola do Engenho Galiléia em Pernambuco, 1955 – precursora das ligas camponesas, tinha como um dos objetivos organizar uma escola para os filhos dos lavradores. (CONTAG/Maria do Socorro. 2002. p.09).

A necessidade que os trabalhadores sentiram de escolarizar os seus filhos, fez com que lutassem por escolas para o campo e que o currículo também atendesse às suas necessidades a realidade que as crianças vivenciam. E a partir disso foram em busca de mais recursos que não ficassem apenas restritos a educação que atendessem a todo o campo, tanto com saúde e meios de sustentabilidade no campo para evitar uma evasão dos assentamentos e causar outros problemas como um inchaço e um crescimento desordenado das cidades e cada vez mais se criando favelas sem meios de uma sobrevivência ideal para essas pessoas.

Segundo Caldart (2004) a 1ª Conferencia Nacional Básica do Campo em 1998 realizada em Luziânia- GO veio afirmar a necessidade que o povo do campo não quer uma educação no campo e sim do campo, que os mesmos se compreendem como parte fundamental para o processo de formação social e que as suas experiências com a terra e o meio onde vivem e muito importante e que as culturas, tanto da forma de trabalhar e do convívio social e seus modos de vida como camponeses que formam um conjunto de condições reais que não se limitam à escola, e que os ajudam em um processo de humanização universal desses sujeitos.

A luta desses sujeitos se materializa e se concretiza na sua resistência e na identidade de cada comunidade, agricultor familiar seja individual ou coletiva se afirmam na luta política para a construção de uma proposta de diferentes práticas educativas, e que ao pensar a

Educação do Campo tem que pensar o Campo com todas as suas complexidades e que ele não é apenas um produtor agrícola, mas um lugar que cria e recria a reprodução humana.

E a cada ano que passa a discussão política se aprofunda mais e que em vários momentos anteriores pode se analisar os referenciais teóricos que vem sendo construída por diferentes sujeitos do campo. A visão que temos é que a Educação do Campo veio se constituindo como uma das várias estratégias que provoca transformações do campo, já que há um resgate da relação do sujeito camponês com a natureza, cultura e o espaço de vida que os mesmo ocupam.

Para Arroyo (2006) “a escola é mais um dos lugares onde nos educamos”, e quando se trata das escolas do campo, ou seja, da escolarização dos sujeitos que vivem no campo, temos uma vasta forma de nos educarmos, pois tratamos de conhecimentos arraigados que encontramos em cada família, comunidade etc. Conhecimentos estes que são confrontados quando chegam à escola, mas as instituições insistem em negar o conhecimento de vida que cada sujeito traz consigo, anulam as convicções, crenças, culturas.

E até que seja efetivada a “Educação do Campo” como política pública, um dos programas criados pelo governo após tantas lutas travadas se cria o PRONERA¹ e junto com Universidades e movimentos sociais que se identificaram com a causa, estão formando vários educadores em todo o território nacional que possam atender aos conceitos de educação do campo e que se baseiam na formação humana e solidária com princípios de respeito com seus conhecimentos de vida e a sua relação com a preservação da natureza.

E até chegarmos ao patamar da sua efetivação temos três grandes desafios que Caldart (2004) sinaliza no livro de nº5 da coleção, “Por uma educação do campo”, que é manter viva a memória da educação do campo, que possa continuar e dinamizar a sua construção e reconstrução pelos seus próprios sujeitos, identificar as dimensões fundamentais da luta política a ser feita no momento atual, e seguir na construção do projeto político e pedagógico da educação do campo.

¹ Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária – se configura como um programa que elabora outros programas e novas políticas, que contribui para um processo educativo os quais os sujeitos estão envolvidos em um processo educativo de escolarização: E isto só é possível porque envolve sujeitos diversos: movimentos sociais e organizações sindicais, professores de instituições de ensino superior, técnico etc.

A educação do campo se torna mais legítima quando se projeta, coletivamente e esse processo tem que ser sobre tudo pensando de que a sua construção, partem de trabalhadores e trabalhadoras do campo, estes que são pertencentes de vários grupos que contrapõem essa relação capitalista imposta. Mas a educação do campo vem se consolidando e ocupando espaços cada vez mais de forma convincente e com propostas inovadoras, mostrando na prática que é possível deixar de ter uma educação com caráter urbano e se tornar uma educação do campo.

1.1 A Educação do Campo e seus Princípios.

Pois, enraizado é o sujeito que tem laços, que participa de uma coletividade, que permite olhar para trás e para frente, que conserva vivo certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Ter projeto, por sua vez é ir transformando estes pressentimentos de futuro em ações e práticas sociais, em um horizonte pelo qual se trabalha e se luta. (Silva, 2006, p.64)

E em torno das experiências vividas e desenvolvidas junto com as populações do campo, tornou-se tema em vários debates diante da sociedade. Foram desenvolvidos movimentos e organizações sociais, este conjunto luta por políticas públicas em educação do campo. Com o I Encontro Nacional de Educadores da Reforma Agrária (ENERA) que foi a criação do Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária (PRONERA) este é responsável pela formação inicial e continuada de educadores e educadoras da reforma agrária. A realização do I Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (ENERA) em 1997 teve como pauta de reivindicações que tenha uma educação de qualidade voltada aos educandos e educadores do campo.

E com a realização do I ENERA, e com uma pauta cheia de reivindicações pôde ser possível realizar a I Conferencia Nacional por uma Educação Básica no Campo, que aconteceu em Luziânia – GO em 1998, com a finalidade de colocar a educação dos povos do campo na agenda política do nosso país, a fim de que com essa ação outros movimentos, organizações sociais e universidades públicas, pudessem se mobilizar e criar novas ações voltadas para os camponeses.

Podendo então discutir a educação que vem sendo ofertada de modo que com a nova concepção de educação do campo possa ter êxito e com isto o Governo Federal possa ver e entender que precisamos que políticas públicas sejam efetivadas para então atender aos

direitos dos camponeses. E na pauta desta I Conferência estavam as proposições com os seguintes pontos:

- Vincular as práticas de Educação Básica do Campo com o processo de construção de um Projeto Popular de Desenvolvimento Nacional.
- Colocar os povos do meio rural na agenda política do país, e aprofundar a discussão sobre o lugar do campo em um novo projeto nacional.
- Propor e viver novos valores culturais.
- Fazer mobilizações em vista da conquista de políticas públicas pelo direito à Educação Básica do Campo.
- Lutar para que todo povo tenha acesso à alfabetização Formar educadores e educadoras do campo.
- Produzir uma proposta de Educação Básica do Campo.

(Texto da carta da I Conferencia Nacional Por Uma Educação Básica no Campo, Luziânia/GO, 27 a 31 de julho de 1998)

Após esta primeira conferência as reivindicações continuaram e em 2002 sai também como resultado positivo de tantas lutas a criação das Diretrizes operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. E seis anos mais tarde em 2004 dando continuidade as lutas e reivindicações por políticas públicas, por uma educação do campo, tiveram novos movimentos que representam os camponeses que são organizações sociais e sindicais e entre estes estão: Confederação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura (CONTAG), Federação dos Trabalhadores na Agricultura (FETAGs), Movimentos dos Atingidos pelas Barragens (MAB), Comissão Pastoral pela Terra (CPT). No que resulta uma “Articulação Nacional por uma Educação do Campo” e este movimento é um dos principais responsáveis pelo debate da educação do campo, sempre reavivando o propósito de ter políticas públicas voltadas para as populações do campo.

A II Conferência Nacional por uma Educação do Campo que também aconteceu em Luziânia no ano de 2004 e que também, pois em sua pauta inúmeras reivindicações para que pudessem ser efetivadas políticas públicas para a educação do campo e, após esta segunda conferência teve a criação no Ministério da Educação (MEC) da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), que se tornou responsável pelas ações de educação do campo e que se tornou possível à ampliação de ações em educação para os povos do campo. A SECAD criou outros programas que atende as populações do campo entre elas: Saberes da Terra e PROCAMPO.

E continuando com as conquistas que tivemos ao longo desses dez anos em 2010 dentro dos processos de lutas e reivindicações das organizações sociais sindicais e camponesas temos a criação do Fórum Nacional de Educação do Campo (FONEC), este tem como objetivo dar

continuidade articulando, mobilizando e elaborando ações acerca das problemáticas da educação do campo que possa se remeter em políticas públicas efetivas.

A educação do campo precisa incluir em seu projeto pedagógico uma reflexão cuidadosa e mais aprofundada sobre como acontecer no cotidiano da escola os processos de socialização. Sua relação com os processos de conservação e de criação de culturas e com a formação dos novos sujeitos sociais do campo. (CALDART, 2004)

Com tantos frutos desde o I ENERA em 1997 e a I e II Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo em 1998 e 2004, a educação do campo se fortaleceu e fortalece-se dando espaço para darem continuidade ao debate de uma formação diferenciada aos povos do campo que reflete em uma concepção de educação e escola do campo e do projeto de sociedade que a educação do campo vivencia e tenta efetivar. E assim Caldart (2004) fala da importância de ter cuidado na construção do seu projeto pedagógico.

1.2 - Educação do Campo no Sudeste do Pará.

O Brasil é um país populoso, e não queremos pensar que não estamos sendo capazes de perceber a gravidade de deixar a educação do nosso país em segundo plano. E por sermos um país grande temos uma diversidade ainda maior e conseqüentemente isto reflete diretamente nas escolas seja ela na cidade ou no campo. Em qualquer uma delas teremos diversidades que se conflitam e no campo temos fatores que chegam à extremidade que é a precariedade das escolas em um conjunto vai desde a sua criação como sua estrutura (prédio) que em sua grande maioria é conhecida como “Tapiris”, pois é uma pequena sala improvisada e coberta de palha em sua maioria variando da localidade e suas condições que não se têm acentos adequados, o acesso é difícil não se tem merenda nem água potável, é difícil de acreditar, mas ainda temos inúmeras dessas escolas espalhadas em todo o país.

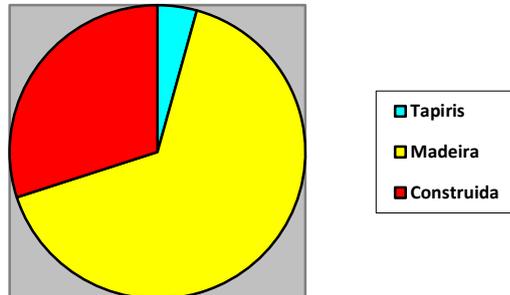
Na região sudeste do Pará, podemos compreender que a região por ser de grande extensão territorial tem uma variação de contingentes estruturais que influencia diretamente na forma estruturante das escolas e nas condições de ensino.

Para uma maior compreensão apresentamos os índices do Município de Itupiranga (PA) que fica localizado no Sudeste do Pará as margens da BR 230 “Transamazônica”, este

município, têm sua economia pautada na agricultura familiar e a pecuária, e grande extensão territorial com difícil acesso por escassez de estradas pavimentadas.

Pode-se constatar que a deficiência na educação é um fator preocupante, pela falta de infraestrutura das escolas do meio rural, tentando se adequar as normas exigidas pelo MEC, não se é possível fazer uma mudança repentina é uma herança da falta de políticas públicas historicamente em que se enquadra a realidade dos povos do campo. Em 2009, foi criado no município de Itupiranga (PA) o departamento de educação do campo com o objetivo de diagnosticar e resolver os problemas relacionados à infraestrutura e a qualidade da oferta da educação do campo, desenvolvendo um trabalho para mudar a visão de um município atrasado e defasado, no que se refere à educação do meio rural.

Conforme diagnóstico do departamento de educação do campo do município de Itupiranga (PA) os dados levantados pelo departamento de Educação do Campo em 2012/2013 encontram-se 117 escolas localizadas no campo com as seguintes condições estruturais conforme o gráfico abaixo:



Fonte: Secretaria Municipal de Educação; Departamento de Educação do Campo 2010

O município de Itupiranga (PA) faz parte dos municípios atingidos pela barragem dentro da microrregião da Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHT) e que recebem royalties, por meio de convenio firmado com a Eletronorte adquiriu a construção (3) três escolas equipadas na zona rural, localizada nas seguintes localidades: Escola Guimarães Rosa, Vila Mangureira, Escola São Raimundo, Vila Rancharia, Escola Lago Vermelho, vila Cuxiú.

Outro esforço da gestão municipal diz respeito às condições de infraestrutura das estradas vicinais que dão acesso às escolas do meio rural, para os alunos que dependem do transporte escolar. Este fato é um entrave constante na vida dos alunos por que as estradas são

pavimentadas com piçarras, nos períodos chuvosos cria-se obstáculos para chegar às escolas. Conforme as fotos abaixo:



Fotos: 01 e 02 mostram as condições da estrada.
Autora: Taináh Sôffa Novembro de 2012

Marcado por grandes conflitos o Sudeste do Pará resiste e continua a sua luta em busca de políticas públicas e o direito à reforma agrária. O sudeste paraense se mantém num cenário de lutas pela terra, com grandes conflitos armados esta região. Junto com essa luta também se tem a necessidade de uma qualidade de ensino, tanto para os acampamentos como para os assentamentos, se não têm escola como estas famílias vão dar uma educação para seus filhos? Pensando nisso os movimentos sociais lutam junto para que seus filhos possam estudar na localidade onde residem. E que seja valorizado a realidade em que eles vivem deixando de ter uma educação no campo e passando para uma educação do campo. E no contexto histórico desta região tem esta marca à luta pela terra e uma educação do campo.

Muitos agricultores e sindicalistas e entre outros foram assassinados durante esta luta temos entre inúmeros um caso. Foi um crime que também marcou ainda mais esta região porque eles lutavam pela natureza e mais por uma educação do campo, são histórias que fez e faz esta região, cenário de grandes histórias. Era um casal de Agro extrativista da Região Sudeste do Pará de Nova Ipixuna, Maria silva e José Claudio. Maria Silva fazia parte da turma de Pedagogia do Campo da UFPA turma de 2006, uma mulher guerreira, admirável e com seu esposo faziam um trabalho belíssimo em proteção da natureza, como ela dizia “*nas minhas veias corre sangue verde*”. E em 24 de maio de 2011 um mês depois de sua defesa de

seu trabalho de conclusão de curso (TCC), o casal foram brutalmente assassinados, deixou a turma em que ela pertencia em desespero por sua perda, indignados por tamanha brutalidade. Juntos clamaram por justiça que este crime não poderia ficar impune mais infelizmente está ficando. O descrédito a justiça brasileira a cada dia fica maior.

È uma região que aglutina uma grande concentração de assentamentos e acampamentos uma região de grandes latifundiários que acumularam ao decorrer dos anos inúmeras áreas de terra, apenas para criação de gado. É uma região castigada por estes conflitos entre latifundiários e agricultores.

E com tantos resultados obtidos com as Conferências e o ENERA e entre outros tantos envolvidos. O sudeste do Pará aglutina um número expressivo e bem significativo de experiências desenvolvidas em educação do campo, e no decorrer destes dez anos podemos citar algumas dessas experiências que foram desenvolvidas pelo Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária (PRONERA) afirmam que as primeiras iniciativas tiveram início em 1999, a partir de projetos voltados a atender as demandas de escolarização de (5ª a 8ª série) para jovens e adultos (EJA) moradores de áreas de assentamentos da região.

E logo em seguida outro projeto da continuidade com o Nível Médio Magistério, que também atendesse educadores do campo, assim valorizando os próprios camponeses e que tem um engajamento com a realidade vivida pelos educandos, isto já em 2001. E em 2004, após novas ações surgem novos projetos e estes projetos também atendem jovens e adultos moradores de projetos de assentamentos organizados pelo Movimento Sem – Terra (MST) é um projeto em Nível Superior em Agronomia ofertado pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

Neste mesmo ano surge uma parceria da FETAGRI regional e UFPA para o desenvolvimento do projeto de formação em nível médio agro-técnico, na Escola Família Agrícola de Marabá (EFA). Esta escola funciona desde 1996 e atende jovens que tenham vínculos com o campo e funciona através da pedagogia da alternância ². E nesta mesma escola também teve a oportunidade de funcionar uma turma do projeto piloto do Saberes da Terra, em 2005-2006.

² Pedagogia da Alternância - Está é uma modalidade da abertura da escola ao trabalho, a alternância é o vaivém no curso de uma formação, um funcionamento com base a idéia de que existe de um lado a teoria – escola um espaço de desenvolvimento científico – e do outro – a prática um espaço que é reservado ao desenvolvimento dos saberes científicos e empíricos.

Em 2006 novos projetos são aprovados para a segunda turma em nível médio. E dando continuidade da parceria que tem o PRONERA, FETAGRI e UFPA e outros movimentos sociais como MST, foi aprovado o Projeto de Formação Nível Superior curso de Pedagogia, e o MST também consegue aprovar o Projeto de Formação Nível Superior curso de Letras.

E recentemente, após alguns anos de experiência a Universidade Federal do Pará (UFPA) vem ofertando regulamente cursos de Educação do Campo, esses organizados em período intervalar, levando aos novos cursos algumas das experiências da primeira turma de Pedagogia então nomeada **“Pedagogia do Campo”** este curso de Pedagogia do Campo 2006 ofertado em parceria do PRONERA, INCRA, FETAGRI e a UFPA.

Trouxe filhos de agricultores para dentro da Universidade, a seleção dos candidatos passou por um sério critério estabelecido pelo PRONERA, tinha que ser filhos de agricultores e morressem no assentamento daí cada sindicato, no caso foram 10 municípios concorrendo a vagas e cada município tinha uma cota de pessoas a serem indicadas para fazer a prova seletiva assim foi feito e a UFPA realizou a prova que ao final foram 50 os alunos que passaram daí formou a turma de Pedagogia do Campo 2006 da UFPA.

A grade curricular desta turma trazia um contexto diferenciado todos os acadêmicos teriam que realizar todas as atividades propostas pelo curso no assentamento e a cada módulo teriam que trazer os resultados obtidos, se tinha a teoria e depois a prática era um curso de regime intervalar que contava com dois tempos distintos em sua grade curricular o Tempo de formação na Universidade e Tempo Comunidade em forma de alternância.

Durante o tempo comunidade era desenvolvido tudo o que havia sido passado na teoria, com esta prática possibilitou uma maior compreensão do que realmente este curso vinha a oferecer a estes filhos de agricultores e agricultores.

Nesta mesma linha o Instituto Federal do Pará (IFPA), vem dando continuidade a formação em Nível médio de jovens agricultores e Nível Superior nos princípios da educação do campo.

O sudeste do Pará, com tantas experiências e parcerias de movimentos sociais do campo com a Universidade Federal do Pará, gerou outro fruto o “Fórum Regional de Educação” (FREC), após várias conferências regionais que é um espaço de debates e reflexões sobre a proposta da educação do campo, tornou possível em uma dimensão maior, refletir sobre a educação do campo a partir de inúmeras experiências que o Sudeste do Pará vem vivenciando ao longo desses dez anos que a educação do campo passou a ser discutida e refletida em todo o país por pessoas que se preocupam com as populações que vivem no campo em busca da efetivação de políticas públicas, para afirmar novas parcerias; Municipal, Estadual e Federal.

Sempre instigando a reflexão sobre a concepção curricular da proposta da Educação do Campo e assim a educação do campo ganha cada vez mais força para a sua efetivação deixando de ser apenas um projeto para ter seu reconhecimento dentro das políticas públicas como um modelo que tem suma importância para a formação humana de pessoas críticas e pensadoras que assumem suas raízes e lutam para que ninguém possa apagá-las. Assim contribuindo na transmissão de saberes valorizando os sujeitos dando o direito a cada um de criarem sua própria história e valorizando seus conhecimentos empíricos e que seus conhecimentos são válidos e que são importantes no processo de ensino aprendizagem tantos deles como os dos outros sujeitos envolvidos neste processo.

1.3 – Educação do Campo. Possibilidades de Transformação para as Escolas do Campo.

Ao abordar esta temática nos deparamos com entraves quando se discute educação em ambiente escolar, onde teoricamente não se complementa com a prática, em especial nas escolas do campo. É fato que as salas de aula se encontram na grande maioria em regime multisseriado que o diferencia da prática curricular das salas de seriados.

Buscando uma transformação que venha de encontro às necessidades destas salas multisseriadas que predomina diante de uma realidade no contexto rural. Alguns teóricos abordam estas possibilidades de uma transformação para uma educação de qualidade dentro dos parâmetros curriculares das escolas do meio rural. Para SALOMÃO HAGE (2005) “uma educação que não considera os conhecimentos e experiências familiares e culturais, mais que fortalece o ciclo vicioso que os sujeitos têm que estudar para sair do campo, fortalecendo o êxodo rural, contribuindo para a inexistência da identidade camponesa”.

Mediante vários projetos que fomentam a transformação da metodologia das escolas rurais pouco tem se alcançado êxito, por prevalecer um currículo conservador e descontextualizado e formação de profissionais da educação que compreenda dentro de uma formação metodológica a vida social e formas de trabalho dos sujeitos que vivem no campo.

Esta forma de tratar a escola do campo como algo fictício, desconsiderando sua realidade, a escola perde seu principal objetivo que é formar sujeitos críticos que possam compreender os problemas que surgem na vida prática que a escola não considera como

forma de aprendizagem. Abordando os seus currículos metodológicos problemas de outras regiões que não complementa a formação com os saberes essenciais.

A Educação rural se constitui numa ação “compensatória”– trata os sujeitos do campo como incapazes de tomar suas próprias decisões. São sujeitos que apresentam limitações, em função das poucas oportunidades que tiveram em sua vida e do pouco conhecimento que tem. (Salomão Hage. Abril/ 2005).

Esta educação compensatória limita o conhecimento dos sujeitos do campo prejudicando na fase secundária e terciária, quando necessita dos conhecimentos que deveriam ter desenvolvido na formação primária escolar, contribuindo apenas com conhecimentos básicos, colocando em desvantagens como formação urbana distanciando dos conhecimentos científicos e empíricos.

Para que haja uma transformação para qualidade do ensino nas Escolas Rurais, deve se começar pela formação de professores que possibilita nas formações de licenciatura acadêmica, estudos e pesquisas para compreensão da realidade do meio Rural, as formas de vida, culturas, respeitando a diversidade, em cada localidade tem-se uma história, uma forma de vida diferente.

Mediante esses conhecimentos teóricos e pesquisados, o meio Rural, tem sua peculiaridade, que o diferencia dos centros urbanos, deve se pensar em uma escola com um currículo que contemple as necessidades diárias desses sujeitos, já que a formação e para vida em sociedade, sociedade esta que começa na formação da família, no meio em que vivem, aflorando nos demais conhecimentos de mundo.

Com este pressuposto, o que se espera de uma boa formação é realmente o conhecimento, que possibilite os sujeitos a se desenvolverem, numa perspectiva de permanecer em seu meio, para melhoria da qualidade de vida de todos da comunidade e do meio, com este objetivo construímos uma sociedade com sujeitos capazes de reconhecer o valor das riquezas naturais, tornando-se um sujeito crítico e social.

Reconhece-se também para que haja uma transformação da educação do meio Rural deve se pensar também na infraestrutura das escolas Rurais, com equipamentos e subsídios que possibilite educador e educando a terem condições dignas de se desenvolverem, não há uma preocupação com a informatização das escolas, já que hoje na grande maioria os alunos

têm acesso aos meios cibernéticos, mas sem grande valia para a vida em formação escolar. Para FRANCO, 2003, Apostar na pedagogia como ciência da educação significa pressupor a necessária intercomunicação entre pesquisa e transformação, entre teoria e prática, entre consciência e intencionalidade.

Capítulo 2:

A PROPOSTA CURRICULAR DO PROGRAMA SABERES DA TERRA.

Este segundo capítulo tem como objetivo discutir a proposta curricular do Programa Saberes da Terra e partindo para uma segunda problemática vivenciada nestas escolas é que se torna mais difícil para que se possam fazer relação com realidade vivida dos educandos, que é um “Currículo deslocado da realidade do campo”. Este ponto traz para a discussão do papel desempenhado pelas escolas e pelo currículo se o mesmo discute a reprodução dos valores e atitudes da sociedade dominante. Dessa forma, o currículo oficial, estabelecido por esta sociedade dominante os educandos são tratados como seres vazios, são induzidos a memorizarem conteúdos, resumidos e deslocados sem que o mesmo faça nenhuma ligação com a realidade desses sujeitos e suas necessidades de aprendizagem.

Nesta perspectiva é como se o saber fosse apenas adquirido no espaço da escola e com isso os conteúdos aprendidos não terão utilidade, porque não há uma ligação com a realidade destes sujeitos e por isso os sujeitos não sabem fazer uso destes conteúdos, pois não houve uma ligação com a realidade que os mesmos vivem.

O currículo atual é urbano e imposto as escolas rurais, pois as Secretarias de Educação Municipais vem o campo como um lugar atrasado e sem condições de manter uma estrutura educacional isso na visão deles. Mas, sabemos que não é assim os educadores precisam de uma formação de qualidade voltada para o campo reconhecendo as reais necessidades do campo. Pois é muito fácil importar algo que está pronto do que pensar analisar todas as circunstâncias e o tanto de pessoas envolvidas, e buscar uma forma que mesmo que dê mais trabalho sabendo que no fim terão resultados mais próximos da realidade do campo.

O campo não é igual à cidade e nem os alunos, são realidades totalmente diferenciadas, necessidades e condições diferentes dos alunos da cidade. Portanto, como é que vai dar certo um currículo urbano, se este não permite uma flexibilidade não respeita as localidades que precisam de um calendário diferenciado, pois o campo tem uma realidade inversa da cidade.

O campo interage com a natureza, as estradas depende do clima estável para que elas possam estar trafegáveis, pois durante o inverno as estradas que se encontram em péssimas condições se tornam inviáveis de trafegá-las. E como ficam os alunos que dependem dela para chegar à escola? Se não tem estrada não tem aula e por ai vai seguindo um contraste do

campo com a cidade. E quando chega à época das colheitas as famílias tiram seus filhos da escola para ajudar na roça. E as condições pioram no inverno que podemos ver nas imagens abaixo:



Foto 03: Condições das Pontes
Fonte: Taináh Sôffa; Maio de 2010



Foto 04: Condições da estrada

Ao compreender esta real necessidade e que estamos buscando um currículo integrado que interagem com a realidade do campo respeitando suas diversidades e necessidades de cada localidade, pois o currículo que as escolas do campo utilizam se tem uma compreensão vazia que se foca na transmissão, de conceitos e datas que se tornam vazios, sabemos que isso não tem nenhum significado aos educandos, por não ter uma utilidade para as vivências, seja ela em família, comunidade e na sociedade mais ampla.

Porque a deficiência deste currículo urbano é que não permite a discussão dos fatos como um todo e o que é posto em debate e quando é posto, os fragmentam e acabam se tornando conteúdos vazios, GIROUX (1997) salienta que “[...] a teoria do paradigma curricular dominante parece incapaz de fornecer uma base racional para criticar os “fatos” de determinada sociedade”.

Dentro das reflexões nos remete algumas questões básicas, as precariedades estruturais das escolas do campo e a inferiorização dos sujeitos do campo. Estes quais lindam com a falta de estrutura e a falta da escolarização, mas como mudar tal realidade? A luta destes povos camponeses, pois a educação rural do nosso país, sempre foi e continua sendo tratada como uma ação compensatória.

Ao longo do capítulo iremos perceber a crítica à educação rural entre as várias problemáticas tem como ponto de referencia precariedade estrutural das escolas, por ser uma

situação que está presente na maioria das escolas rurais. Neste sentido diante de tais questões observamos pelo menos duas situações que se destacam sendo elas: A ausência e/ou insuficiência de recursos disponíveis que para o bom funcionamento destas escolas e, principalmente no que diz respeito a um currículo descontextualizado, por não considerar os sujeitos em suas diversidades de contextos e aprendizagens o que caracteriza uma mera reprodução de uma realidade externa ao meio rural.

Na primeira situação, sobre a precariedade da escola rural e os recursos disponíveis para o seu funcionamento infraestrutura física, recursos humanos (professores leigos que tem apenas Magistério, formação não adequada para as escolas do campo, etc.) e insuficiência de recursos materiais e didáticos e a falta de merenda escolar de qualidade - são elementos que tem dificultado o desenvolvimento de um fazer pedagógico que possa de fato contemplar as necessidades e a realidade do campo.

Quando tratamos destas questões estruturais das escolas do campo podemos observar em geral uma realidade de abandono do poder público a essas instituições, sendo mais grave em contextos de escolas multisseriadas - salas isoladas - que atendem do 1º ano ao 5º ano (1ª série a 4ª série) do ensino fundamental. A maioria dessas turmas funciona em uma única sala aglutina até cinco séries.

Ainda neste espaço inadequado encontra-se a “biblioteca” improvisada, local que se coloca o filtro com água e em alguns casos é que também o local onde se faz a merenda escolar. E esta falta de estrutura afeta todo o funcionamento destas escolas e, principalmente na aprendizagem destes alunos, e sem contar que algumas delas funcionam e locais emprestados pela comunidade “Associação ou a Igreja”, a comunidade toma esta atitude para que seus filhos possam estudar e assim vem se arrastando gerando um desgaste. Podemos ver nas fotos como são as escolas no campo:



Foto:05.E. M. E. F. Bernardino Vieira Foto:06. E. M. E. F. João Ramos
Fonte: Departamento de Educação do Campo 2010

2.1- Currículo descontextualizado e Autoritário.

Aqui podemos ver as condições e problemas que este Currículo descontextualizado e autoritário traz em seu contexto contraditório.

Analisando as inúmeras situações que hoje temos nos limites do currículo, podemos observar que segundo Moreira (2002) “[...] A maioria dos especialistas considera que o campo do currículo no Brasil desfruta hoje de visibilidade. Isso se deve segundo eles, tanto as recentes discussões sobre políticas, oficiais do currículo, como ao desenvolvimento de pesquisas e de uma produção teórica significativa, que hoje abordam novos temas e refletem novas influências”.

No que se refere ao campo não se tem um currículo pensado que leve em consideração o contexto que as escolas rurais têm e que propiciem a compreensão de um estudo voltado às necessidades urgentes para que deixem de serem escolas rurais e passem a ser escolas do campo, um currículo que leve em conta as transformações culturais e a identidade dos povos do campo, que respeite as necessidades vigentes e que a sua valorização seja considerada como avanço que os sujeitos possam reconhecer dentro deste currículo.

Temos um currículo defasado, descontextualizado e autoritário, que abusa das condições precárias que as Escolas do Campo têm com a tamanha falta de condições estruturais, didáticas e a falta de estradas e transporte escolar e sem esquecer, da despreparação dos educadores destas escolas, alguns não generalizando, sem compromisso com o seu trabalho e não se preocupam com a realidade dos seus educandos e acabam fingindo que estão dando aula e os alunos fingindo que estudam, porque aprender, compreender acaba se tornando algo quase que impossível diante destas situações.

E o pior é que vem a despreparação das Secretarias de Educação Municipais, se criam departamentos e colocam pessoas que pouco se conhece das localidades do campo. E como se faz formações adequadas que atendam as realidades e as peculiaridades do campo? Difícil de entender e compreender que não se basta pegar o currículo urbano e fazer modificações e pronto já podem trabalhar, mais esquecem que o campo é diferente desde a forma de vida até a estrutura tanto escolar, estradas e da família. Mesmo a LDB garantindo que se é preciso um Currículo diferenciado respeitando cada peculiaridade, não se temos isso na prática.

Que garante um currículo, que se contemple a real necessidade. E que mesmo tem que ser flexível. Às dúvidas os questionamentos, mais não parando e se permitindo que este currículo atual e descontextualizado seja analisado, refletido e repensado para as escolas do campo. Tem que ser reconhecido que o campo é outro, lugar de formas e estruturas diferentes, realidades e condições extremamente diferentes da cidade. A condição em que o currículo se encontra hoje é simplesmente assustadora. Muitas pesquisas e várias hipóteses para sua reformulação de como tem que ser e de como será conduzido e sua aplicação.

O que podemos esperar de um currículo assim? Se ficarmos apenas nas palavras e no papel e não por em prática e reformular o currículo que atenda com respeito e dignidade os conhecimentos empíricos dos sujeitos atendidos/desatendidos por ele, não é só fazer um sem que pense num todo, mas esse todo requer cuidados, pois cada região oferece conhecimentos diferentes de um grau de sabedoria impressionante e que permita a complexidade de tais conhecimentos seja conhecida/reconhecida e afirmando a sua importância na construção e da formação social, cultural que capazes de criar idéias, conceitos de vida.

Onde estes sujeitos possam deixar de ser platéia de sua própria historia e se tornarem protagonistas, que seja uma relação recíproca que busca a reflexão da teoria – prática e que seja constante, integrando uma discussão que o currículo seja pensado respeitando os princípios da educação do campo. Um currículo que integre uma prática social, simultânea de construção e ressignificação dos saberes empíricos e científicos uma junção, justa que questione, problematize situações, assim possibilitando aos professores/educadores a chance de abrir novas formas de repassar seus conhecimentos se permitindo aprender ensinando.

Desta forma será possível quebrar esta hegemonia autoritária que o currículo atual tem e partindo desse pressuposto, Giroux (1997) ressalta que: “as escolas não são simplesmente locais de instrução, mas também locais onde a cultura da sociedade dominante é aprendida e onde os estudantes experimentam a diferença entre aquelas distinções de status e classe que existem na sociedade mais ampla.” (p.37)

E assim o artigo 2º das Diretrizes Operacionais para a Educação do Campo ressalta a “valorizar os conhecimentos dos diferentes sujeitos da aprendizagem e que estes contribuam para melhorar a vida das pessoas nos diferentes processos formativos, mas valorizando a escolarização, direito universal dos diversos grupos humanos. Para construir esse processo educativo, que considere os sujeitos sociais, faz-se necessário fortalecer a identidade da escola do campo, ancorada na própria realidade do campo, nos saberes próprios dos estudantes, da

memória coletiva das pessoas, nos movimentos sociais sindicais que defendem projetos de qualidade social de vida coletiva” (Art. 2º das Diretrizes Operacionais). A valorização dos conhecimentos próprios destes sujeitos ajuda a fortalecer a escola e valoriza o trabalho do professor porque os saberes empíricos e científicos estão caminhando junto e assim os conhecimentos se entrelaçam fortalecendo aprendizagem e a valorização camponesa.

2.2- Currículo Contextualizado e Formação Integral

A formação dos educadores que atuam no meio Rural, teve sua formação escolar embasada em um currículo urbano. E na formação acadêmica isso se repete, já que as licenciaturas veem a formação escolar como igualitária, onde campo e cidade devem ter os mesmos conhecimentos, e que os sujeitos são formados para atuar no mercado de trabalho considerando como se todos residem nos mesmos espaços.

O currículo proposto para as escolas do meio rural na grande maioria é o mesmo das escolas urbanas e que as escolas do meio rural devem se adequar-se ao um currículo que valorize o seu meio, isso não acontece porque os professores não tem recebido uma formação que compreenda como transformar esse currículo já proposto, para a realidade de vida dos sujeitos do Meio Rural.

Para se construir um currículo contextualizado depende de um Projeto Político Pedagógico, que poucas escolas do meio Rural têm, e quando tem não considera no Projeto aquele espaço como campo ou meio rural, Por estas escolas chamadas de pólo estar localizadas em Vilas, que na ideologia dos gestores não é um meio rural.

A escola atua ideologicamente através de seu currículo seja de uma forma mais direta, através das matérias mais suscetíveis ao transporte de crenças explícitas sobre a deseabilidade das estruturas sociais existentes, como estudos sociais, história, geografia, por exemplo; seja de uma forma mais indireta, através de disciplinas mais “técnicas”. (SILVA, 2004, p. 31, 32)

O currículo contextualizado deve considerar o meio em que vivem os sujeitos, a suas propostas de conteúdos programáticos deve levar em consideração o tempo, clima, forma de trabalho, os conhecimentos empíricos, cultura local.

Dentro deste campo não podemos deixar de fora dois tempos fundamentais para a proposta curricular da educação do campo que a Alternância Pedagógica, que é o **Tempo - Escola** e o **Tempo – Comunidade**, tempos importantes que tem uma relação recíproca com os saberes empíricos e científicos, que não deixa um se sobrepôr sobre o outro, trabalhando suas peculiaridades tanto de sociabilidade como a relação de trabalho dos sujeitos transformando elementos antes desconsiderado no meio científico em um ponto fundamental e de relevância na formação dos sujeitos. Como afirma Freire: “Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções.” (FREIRE, 1979, p.30).

2.3. O Currículo do Saberes da Terra. Concepções e Desafios.

O Pro Jovem Campo – Saberes da Terra tem como objetivo proporcionar um ensino que atenda às necessidades dos jovens do campo de “resgatar” suas origens camponesas sua identidade que ficou desvalorizada pela política educacional vigente. O programa possibilitou que estes jovens possam qualificar-se para trabalharem em seus próprios lotes onde estão assentados possibilitando a sustentabilidade em seu meio proporcionando qualificação para o trabalho e a valorização da agricultura familiar.

Esta cultura produtiva da Agricultura Familiar tem sua importância no desenvolvimento do país. Possibilitando a manter-se em seus lotes produzindo sua sustentabilidade e evitando o êxodo rural. Daí a importância do “**Saberes da Terra**”, qualificar esses jovens o quanto e importante à continuação dos estudos que proporciona a reconhecer a importância de permanecer e trabalhar no lote da família.

Os desafios, enfrentados pelo projeto tem o objetivo também de mudar a proposta curricular do campo que é um currículo urbano descontextualizado que não valoriza os saberes empíricos e nem a cultura dos camponeses, desconhecendo suas raízes e suas origens.

O programa traz consigo o currículo contextualizado que valoriza a identidade camponesa e os valores do trabalho da agricultura familiar com formação qualificada para desenvolver o trabalho camponês. Acima discutimos um currículo que trate as escolas do campo com mais ênfase respeitando os sujeitos que estão recebendo uma educação e que esta educação tenha qualidade no ensino aprendizagem.

O currículo, do “Saberes da Terra” vem quebrando o pensamento arcaico de ver a educação dos sujeitos do campo como mero receptor e reproduzidor, não valoriza o sujeito em sua totalidade para que ele possa se reconhecer como um ser sócio cultural, valorizando sua raça e etnia e contribuindo para ampliar o acesso e a permanência dos jovens agricultores familiares ao ensino formal e profissional.

A importância histórica, social e econômica da Agricultura Familiar para o campo brasileiro é outra variável que deve ser considerada na escolarização com qualificação social e profissional. (Cadernos Pedagógicos do Pro Jovem Campo- Saberes da Terra, Projeto Político Pedagógico, Brasília. MEC/SECAD, p.20, 2008).

O Programa Saberes da Terra integra a Política Nacional de Inclusão de Jovens - PROJOVEM e passa a se denominar **Pro Jovem Campo – Saberes da Terra**. O PROJOVEM foi instituído pela Medida Provisória nº 411/07, representa um indutor de políticas públicas de juventude nas diferentes esferas o seu objetivo e de promover a reintegração de Jovens ao processo educacional, qualificação profissional, desenvolvimento humano e sócio cultural que ficou dividido através de quatro modalidades sendo elas: i) Pro Jovem Adolescente ii) Pro Jovem Urbano; iii) Pro Jovem Trabalhador; e iiiii) Pro Jovem Campo – Saberes da Terra.

Dessa forma, a escolarização fundamental dos jovens agricultores/as familiares integrada à qualificação social e profissional torna-se uma estratégia político-pedagógica para garantir os direitos educacionais dos povos do campo por meio da criação de políticas públicas nos sistemas de ensino que sejam estimuladoras da agricultura familiar é do desenvolvimento sustentável como possibilidades de vida, trabalho e constituição dos sujeitos cidadãos do campo.

A organização curricular do Pro Jovem Campo – Saberes da Terra está fundamentado no eixo articulador Agricultura Familiar e Sustentabilidade. Este eixo amplia suas dimensões de atuação na formação do jovem agricultor por meio dos seguintes eixos temáticos: a) Agricultura Familiar: identidade, cultura, gênero e etnia; b) Sistemas de Produção e Processos de Trabalho no Campo c) Cidadania, Organização Social e Políticas Públicas; d) Economia Solidária; e) Desenvolvimento Sustentável e Solidário com enfoque Territorial. Os eixos temáticos agregam conhecimentos da formação profissional e das áreas de estudo para a elevação da escolaridade. Tanto o eixo articulador quanto os eixos temáticos dialogam com o arco ocupacional Produção Rural Familiar e as seguintes ocupações: sistemas de cultivo,

sistemas de criação, extrativismo, agroindústria e aquíicultura. Dentro deste currículo foram elaborados varias guias dando uma maior estruturação e compreensão ao programa e assim o Arco Ocupacional Produção Rural Familiar possui como base técnica comum a Agro ecologia, abrangendo as esferas da produção.

Com base nos cadernos Pedagógicos “Projeto Político Pedagógico” que salienta que o currículo do Pro Jovem Campo também dialoga com as áreas de conhecimento: Linguagem, código e suas tecnologias; Ciências Humanas, Ciências Naturais; Ciências Exatas e Ciências Agrárias. Esta proposta de organização curricular busca as contribuições da História, Biologia, Geografia, Matemática, entre outras áreas de conhecimento que compõe o currículo do ensino fundamental, para a compreensão e explicitação dos saberes presentes nos eixos temáticos.

O conjunto dessa organização curricular atua para a formação integrada ao mundo do trabalho e da cidadania, valorizando os saberes das diferentes práticas produtivas camponesas, as tradições históricas, culturais, os acúmulos tecnológicos e organizacionais cada vez mais presentes entre os agricultores familiares do Brasil.

O currículo dá-se a partir do dialogo com a comunidade, para diagnosticar os problemas vividos pelos sujeitos, estruturando-se a partir das questões desencadeadoras para articular os conteúdos a partir da realidade vivida pelos alunos.

Esta proposta esta em sintonia com o Plano Nacional de Qualificação: 2003-2007 (2003, p. 30), quando orienta acerca da educação integral dos trabalhadores (a) que deve superar as praticas de qualificação profissional tidas como treinamento operacional, imediatista, segmentado e pragmático. A concepção de um currículo integrado que requer:

- Um projeto pedagógico tenha como eixos gerais articuladores os temas do trabalha da cidadania, para propiciar aos educandos/as uma articulação virtuosa entre sua inserção no mundo do trabalho e sua participação social e política;
- Uma construção curricular que envolva as dimensões, técnico - científica sociopolítica, metodológica e ética cultural.

A metodologia curricular de o programa saberes da Terra está embasado na pedagogia da alternância, considerada matriz pedagógica de organização dos tempos e espaços para realização do processo de ensino e aprendizagem.

2.4.- Como se dá a Formação dos Educadores e Certificação.

A formação continuada dos profissionais que atuam no Programa será de responsabilidade das Instituições de Ensino Superior Federais (IFPA) e estaduais, em parceria com os sistemas públicos de ensino estaduais e municipais que aderirem ao Programa. A formação acontece em nível de especialização ou extensão universitária com no mínimo de 360 horas.

O Pro Jovem Campo – Saberes da Terra visa estimular através da formação dos profissionais a criação de Pólos de Pesquisa e Desenvolvimento de Educação do Campo nas universidades, compondo uma Rede de Formação dos Profissionais da Educação do Campo da SECAD. As formações pretendem garantir a expansão da educação básica e fortalecer o desenvolvimento de propostas pedagógicas e metodologias adequadas a Educação de Jovens e Adultos no campo, contemplando os princípios político – pedagógicos do Pro Jovem Campo – Saberes da Terra, o eixo articulador Agricultura Familiar e Sustentabilidade e suas relações com os eixos temáticos, áreas de estudo e formação profissional.

O processo de formação de educadores/as contribui para a qualidade da avaliação das práticas educativas e das aprendizagens dos educandos/as. A avaliação do Programa será realizada por meio de um Sistema de Avaliação e Monitoramento do Pro Jovem Campo – Saberes da Terra. O sistema tem como objetivo acompanhar a implementação do programa em sua área de abrangência prevista no projeto com vistas a ajustes e correções imediatas, além de realizar encontros técnicos para prestação de contas dos recursos recebidos. Para tal, o monitoramento acompanha a implantação e a operacionalização desde o início do desenvolvimento do curso, monitora o processo de execução deste e subsidia o desenvolvimento pedagógico na qual identificará processos e resultados e propõe ajustes aos projetos.

O Sistema de Avaliação e Monitoramento do Pro Jovem Campo – Saberes da Terra também realizará o cadastro dos/as educandos/as, o registro das frequências e das ações curriculares. Será alimentado por informações referentes ao acompanhamento pedagógico nas turmas, trazendo dados e informações sobre a formação e a qualificação social e profissional dos/as jovens agricultores/as.

Alinhado ao processo de formação e avaliação, acontece à certificação do jovem agricultor/a. Os concluintes do ensino fundamental receberão certificação em ‘Ensino Fundamental com Qualificação Profissional Inicial em Produção Rural Familiar’.

Observado o arcabouço legal vigente fica estabelecido para o direito à certificação, o/a educando/a que concluir com aproveitamento o processo formativo e obtiver a frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento) da carga horária do curso.

A certificação está sob responsabilidades das Escolas Agro técnicas Federais, e os antigos Cefets Agrícolas ou por outra instituição de ensino designada pelo sistema de ensino, seguindo a regulamentação da instituição certificadora.

Capítulo 3

O PROGRAMA SABERES DA TERRA; MUNICÍPIO DE ITUPIRANGA PARÁ.

Fazendo um breve histórico do município para uma maior localização de onde esta localizada o Distrito de São Sebastião onde uma das turmas do SABERES DA TERRA está funcionando é preciso conhecer um pouco da história deste município.

O município de Itupiranga (PA) surgiu a partir de um pequeno povoado localizado a margem esquerda do Rio Tocantins, no sentido Marabá / Tucuruí. A palavra Itupiranga deriva da expressão indígena que significa Lago Vermelho ou Cachoeira Vermelha. O Município originando-se da povoação Lago Vermelho, foi fundado por volta de 1896, por extratores do caucho, vindos do Estado de Goiás. Inicialmente, pertencia ao município de Baião. Em 1915, foi desanexado, passando a fazer parte do novo Município de Marabá (PA). Com a Lei nº 8, de 31 de outubro de 1935, Itupiranga apresentou-se como distrito de Marabá (PA).

Com a emancipação política o Município de Itupiranga (PA) desenvolveu-se de forma bastante lenta. Haja vista as inúmeras dificuldades apresentadas no contexto local, como a escassez de produtos extrativistas e a falta de uma malha viária para transportar a produção preferencialmente agrícola. Somente na década de 70 com a abertura da Rodovia Transamazônica, Itupiranga (PA) alavancou um progresso significativo de crescimento, principalmente no que se refere na questão econômica, advindo dos incentivos fiscais proporcionados pelo Governo Federal através da Superintendência da Amazônia (SUDAM).

Atualmente o Município de Itupiranga (PA) tem uma atividade econômica bastante diversificada. A extração da madeira foi uma das principais atividades econômicas da região iniciando-se ainda na década de 70 elevando o município à condição de exportador. Além da extração da madeira outras atividades também conquistaram espaço no cenário econômico regional como, por exemplo: a criação de gado, agricultura familiar, a pesca e o comércio local. Itupiranga (PA) hoje se apresenta no contexto regional com grande potencial turístico em face de sua localização privilegiada geograficamente.

3.1. A implantação do Programa Saberes da Terra no Município de Itupiranga.

E no cenário nacional há alguns anos atrás surge um novo termo que 10 anos depois vem tomando grande espaço, através de grandes lutas e reivindicações surge o PRONERA, e junto com ele vários outros programas para contribuir com o povo camponês a valorizar sua identidade, e sua cultura.

O famoso termo que já é conhecido pelo mundo “**educação do campo**” e como o município tem 98% das suas escolas localizadas no campo(dados cedidos pelo departamento de educação do campo), estava passando da hora do município tentar aplicar a educação do campo de fato, sendo que a educação que temos e educação no campo, apenas a mudança “**no**” para “**do**” estas duas palavras tem sentidos diferentes, é visando essas mudanças o município se interessou pelo PROGRAM PROJOVEM CAMPO SABERES DA TERRA. A Secretaria Executiva de Educação SEDUC, liberou para o município duas turmas, as mesmas tiveram um fator peculiar, pois, a distancia, entre as duas é de quase 200 km, isto dificulta o acompanhamento do coordenador, e a assistência do próprio município com as mesmas, cada turma tem em média 20 alunos, matriculados.

O departamento de educação do campo do município faz o lançamento do programa que aconteceu dia 26 de março de 2009 no auditório da secretaria de educação do próprio município contando com a presença de todos os educadores é educandos matriculados das duas turmas, e vereadores e todas as secretarias, secretário de educação e o responsável pelo setor de educação do campo e a coordenadora do pólo de Itupiranga (PA) e com a presença do professor Cardoso do instituto IFPA/ agro-técnica de Marabá (PA).

Os alunos então matriculados nestas turmas têm que ser filhos ou agricultores e morar nos seus lotes e ter entre 18 e 29 anos de idade e não ter concluído o ensino fundamental menor, ou seja, 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

Esta pesquisa estará analisando apenas uma turma, pelo fator da distancia de quase 200 km. E por este motivo as duas têm uma distancia enorme uma da outra e ficou inviável o acompanhamento das duas a turmas. A Distrito de São Sebastião, foi escolhida pelo fato de que ficou mais próximo para o campo de pesquisa o acompanhamento seria mais preciso para todos os educadores e um outro ponto chamou atenção de que o termo educação do campo é

totalmente desconhecido para estes educadores sem nenhuma experiência de uma forma diferenciada de um currículo voltado para a educação do campo, o primeiro contato com este currículo deixou todos atordoados. O medo de saber que exige muito trabalho e de uma forma diferente causou um impacto nestes educadores.

Logo abaixo temos imagens da estrada que dá acesso ao Distrito de São Sebastião que durante o inverno costuma se tornar intráfegável dificultando qualquer locomoção neste período sem falar na precariedade da estrada.

Vias de acesso ao Distrito de São Sebastião:



Foto 07: estrada de acesso ao distrito.



Foto 08: aqui já chegando ao distrito.



Foto 09: foto do distrito de São Sebastião; vila



Foto 10: local onde a turma estava funcionando ; Escola
 Autora: Das fotos acima Taináh Sôffa novembro de 2009 e junho de 2010.

A vida destas pessoas não são fáceis, tudo é mais difícil tanto nas estradas, escolas uma precariedade só. E quando se chega há um local assim distante possibilidades de melhorias através dos estudos é muito bom sem falar no ganho educacional e na agricultura familiar.

E os educadores escolhidos receberam o programa Saberes da Terra de Braços abertos, porem grandes duvidas surgiram e fica bem claro na fala de uma das educadoras desta turma durante a entrevista realizada com a mesma.

[...] Como vamos trabalhar com isso e impossível, este foi o primeiro pensamento que tive quando a Coordenadora nos mostrou os cadernos. Como vamos fazer isso. Ai surgiu várias dúvidas? [...]
 (E.S.M)

A fala desta educadora nos mostra que não é fácil implantar a educação do campo já que os profissionais da educação não têm formação adequada e voltada para a educação do campo, será mesmo que é uma luta em vão? Será muito fácil dizer que é impossível que a educação do campo venha acontecer nos assentamentos não só do município mais de todo o país?

A turma concluiu ao meio de grandes dificuldades entre elas a falta de interesse pela secretaria de educação isso ficou bem claro na fala de um dos educadores.

[...] Como continuar buscando fazer acontecer a educação do campo se a própria secretaria não esta nos dando suporte necessário para que o programa aconteça, tudo no inicio e flores [...] agora o programa necessitou de apoio maior da secretaria [...] o que eu passei do meu ensino fundamental ao meu médio buscando compreender o que é educação do campo e no momento que eu tive a oportunidade de por em prática o que eu aprende durante meus oito anos de EFA, enfrento o descaso da própria

secretaria que lutou para que este fosse implantado e não entendo o porque [...] (L. R.O)

E a falta destes recursos contribui para o baixo desempenho do trabalho dos professores e estas condições podem afetar o desenvolvimento educacional dos alunos. Pois o que encontram é uma escola sem condição de oferecer um espaço prazeroso, e como fazer com que estes alunos tenham mais prazer em estudar? E os professores tenham mais um motivo para fazer um bom trabalho? Mesmo sabendo que seus alunos estão felizes e com uma força de vontade maior de aprender e que os mesmos, tenham a compreensão de que o lugar onde eles vivem é um lugar de histórias que eles possam ter orgulho de suas raízes. Uma boa condição de trabalho influencia e muito na construção pedagógica que valoriza a realidade desses alunos, pois a cultura do roçado das lutas pela terra, por dignidade por direitos sociais venha contemplar as formas de vida dos sujeitos do campo.

Um aluno deixa claro em sua fala. A contribuição e valorização que está tendo os agricultores com a chegada desta turma do Programa Saberes da Terra:

[...] nunca pensei, que fosse estudar coisas diferentes [...]
Aqui estou aprendendo muito até mexer com a terra que nunca pensei que fosse fazer e isto está me ajudando muito com os trabalhos que meu pai faz na nossa terra [...]. (J.R).

Como fazer para que estes espaços se tornem mais atrativos com o pouco de estrutura e recursos materiais e didáticos? E com tudo isso que já foi mencionado, estes alunos passam horas fazendo atividades fragmentadas que muitos se perguntam qual o sentido da vida? E que não entende que contribuição eles podem tirar destes conteúdos para suas vidas. Pois os professores trabalham conteúdos fragmentados, e que não tem relação nenhuma com o meio que estes alunos vivem. E com esta deficiência nos conteúdos como é que estes alunos terão uma formação humana que os tornem cidadãos críticos? E que os mesmo possam discutir o que faz ou não relação com o meio que eles estão inseridos, sem que estes alunos esqueçam suas raízes e que possam fortalecer sua cultura e valorizar a identidade camponesa. Diante de tais perguntas uma aluna afirma que:

[...] mesmo com tantos problemas enfrentados consegui compreender a importância do programa que veio para me ajudar e ajudar a minha família a trabalhar com a terra. Uma experiência única. (J. S.).

Os espaços foram simples, não tinha estruturas suficientes à turma passou por vários processos de mudanças de locais assim não poderão criar um espaço que caracterizasse a turma não conseguiu criar sua identidade. Os educadores se desdobravam na jornada de trabalho e sem tempo para o acompanhamento *in locus* dos tempos comunidades dos alunos. Em detalhe podemos ver nas imagens abaixo alguns momentos de trabalhos em campo e outros em sala :



AUTORA: TAINÁH SÔFFA DEZEMBRO DE 2010

A turma do Distrito de São Sebastião concluiu com apenas 8 (oito) alunos dos 20 matriculados, pois, tantas dificuldades enfraqueceu os alunos assim fazendo com que desistissem antes do término do programa. Aqueles que concluíram só tiveram a agradecer pela formação recebida e deram continuidade aos estudos, não ficaram estagnados com a conclusão do Programa Saberes da Terra.

3.2. A importância do Tempo - escola e Tempos – comunidade no “Saberes da Terra”

O programa saberes da terra, busca desenvolver aulas científicas e aulas práticas, assim possibilitando ao seus alunos uma maior compreensão no trabalho com agricultura familiar.

Sem estes dois tempos não se há um pedagogia de alternância como a grade curricular do programa exige. Nestes períodos os alunos fazem seus experimentos teóricos e práticos. Passam 15 dias em sala de aula com aulas diferenciadas tendo saídas de campo buscando respostas para determinados assuntos que antes os alunos desenvolviam de forma errada em seus lotes nestes períodos tem a oportunidade de rever suas práticas e assim tornando mais produtivos seus lotes, dessa forma acabam conscientizando da importância da permanência nos lotes.

E que não é necessário sair de seus lotes para ter uma boa educação e isto que este programa traz valorizar o campo e dando subsídios necessários para que não aconteça a evasão dos lotes nos projetos de assentamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de construção deste trabalho objetivou-se realizar algumas reflexões acerca da proposta curricular do Programa Pro Jovem Campo Saberes da Terra, materializada na turma do distrito de São Sebastião, localizada numa área de assentamento a 110 km da sede do município de Itupiranga no sudeste do Pará.

Bem para compreender a proposição da proposta e analisando o seu desenvolvimento se as práticas desenvolvidas no decorrer do programa para com esta turma e seus objetivos ao fim foram alcançados. Tendo em vista a superação, do modelo de ensino desenvolvidos nas escolas normais do campo não estão oferecendo aos seus alunos o mesmo método de ensino.

A composição curricular do Programa Saberes da Terra tem um diferencial, logo permite um trabalho com a realidade fazendo uma junção de todo os assuntos e assim todas as disciplinas sendo contempladas. Dentre os elementos abordados destacam-se a forma e o meio trabalhado pelos professores. A realidade concreta, fez com que se causa medo ou desconforto, pois, todos estavam acostumados ao ensino tradicional que desvaloriza os saberes empíricos dos sujeitos.

E de forma tímida, os professores foram desenvolvendo seus trabalhos às vezes sem confiança no que estavam fazendo e ao mesmo tempo estavam sem eles mesmos perceberem abrindo novos horizontes aos alunos mostrando princípios e valores culturais de sua identidade camponesas. Fazendo com que cada um contribuísse neste processo de ensino aprendizagem e foram fazendo a troca de saberes, alunos ensinando os professores e os professores ensinando os alunos.

O estudo desenvolvido ainda nos mostrou que é preciso mudar muito para que de fato consolide uma educação de qualidade sem que a proposta curricular seja esquecida, necessitando formação voltada para todos os professores, valorizando seu trabalho que não é tão difícil assim fazer acontecer a educação do campo trabalhando com o pressuposto da realidade concreta.

E este estudo nos possibilitou a conhecer mais sobre este programa e sua importância na formação destes sujeitos, sem esquecer que também aponta a necessidade de aprofundamento, pois, nesta concepção os pontos negativos se sobressaíram por falta de uma formação adequada dos professores que atuam nas escolas do campo. E percebendo a necessidade de

que se precisa com urgência de mudanças nos métodos praticados, buscando especializações e formação continuada de acordo com a realidade. E que na prática educativa a partir da realidade dos sujeitos torna-se compreensiva o aprendizado tanto para o professor e aluno por estarmos usando recursos objetos, coisas e linguagens que é do nosso cotidiano.

Diante de tudo já discutido sobre Educação do campo, o Currículo do Programa Saberes da Terra e sua implantação no Município de Itupiranga, temos a concluir que a visão que obtivemos foi que é necessário um maior interesse e que o mesmo seja feito em coletividade uma junção de todos os envolvidos como a Prefeitura, secretaria de educação, comunidade escolhida, professores e alunos. Todos têm que estar em sintonia estando assim às turmas só tem a ganhar e o município também, pois terão conseguido obter resultados satisfatórios gerando um produto de qualidade, um mútuo interesse faz com que todas as partes saiam ganhando.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rosa Maria Calaes de. **Interdisciplinaridade: Um novo paradigma curricular**. Disponível em: <<http://ntefo.vilabol.uol.com.br/interdisciplinaridade.htm>>. Acesso em: 14 de setembro de 2011.

BARON, Dam. **Alfabetização cultural Uma luta íntima por uma nova humanidade**, editora. Alfarrábio São Paulo. 2004

CALDART, Roseli Salette, PALUDO, Conceição, DOLL, Johannes (org.) **Como se formam os sujeitos do campo? Idosos, adultos, jovens, crianças e educadores**. Brasília: PRONERA, NEAD, 2006.

CALDART, Roseli Salette. **Por Uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção**. In: **Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas**. Brasília: 2002.

_____, **Elementos para a construção de um projeto político e pedagógico da Educação do Campo**. In: **Contribuições para a construção de um Projeto de Educação do Campo**. Brasília: 2004.

DUARTE, Mara Rita & MEDEIROS, Evandro Costa de. **Por uma Educação do Campo**. UFP, Marabá, 2006. [Impresso]

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia como ciência da educação**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia do Oprimido**, 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**, SP, Edit. Paz e Terra, 1996.

I Conferência Nacional Por Uma Educação do Campo. Desafios e Proposta de Ação Luziânia, GO, 1998. Disponível em: <http://www.forumeja.org.br/ec/files/1ª%20Conferência%20_2.pdf>. Acesso em: 20 de outubro de 2011

LEITE, Sergio Celani. **Escola Rural: urbanização e políticas educacionais**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2002. 119p. (Questões da nossa época). 60

ANJOS, Maura Pereira; MEDEIROS, Evandro Costa. **Pedagogia do campo: Histórias de vidas e a Formação de Educadores no Sudeste do Pará**. In: LUNAS, Alessandra da Costa, ROCHA, Eliene Novais. (org.). **Práticas pedagógicas e formação de educadores (a) do campo**. Brasília: Dupligráfica, 2009.

BRASIL. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação**: (lei 9394/96) /apresentação Cury 4. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação - Lei 9394/96**. Disponível em: <http://www.mec.gov.br>. Acesso em: 20 de maio de 2010.

_____, Ministério da Educação e Cultura. **Projeto Base**. Ministério da Educação Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD. Brasília: 2010.

_____, Ministério da Educação e Cultura. **Caderno Orientações pedagógicas para a formação de educadoras e educadores**. Educação Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD. Brasília: 2010.

_____, Ministério da Educação e Cultura. **Diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECAD, Brasília: 2002.

BURKE, Thomas Joseph. **O professor revolucionário: da pré-escola à universidade**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CALAZANS, Maria Julieta C. Para compreender a Educação do Estado no meio rural-Traços de uma trajetória. In: DAMASCENO, Maria N.; THERRIEN, Jacques (coords), **Educação e Escola no Campo**. Campinas: Papyrus, 1993.

I Conferência Nacional Por Uma Educação do Campo. Desafios e Proposta de Ação Luziânia, GO, 1998. Disponível em: <http://www.forumeja.org.br/ec/files/1ª%20Conferência%20 2.pdf>. Acesso em: 09 de Janeiro de 2011.

II Conferência Nacional Por Uma Educação do Campo. Luziânia, GO, 2004. DECLARAÇÃO FINAL (VERSÃO PLENÁRIA) Por Uma Política Pública de Educação do Campo. Disponível em: <http://www.red-ler.org/declaracion-II-conferencia-educacao-campo.pdf>. Acesso em: 09 de Janeiro de 2011.

LEITE, Sergio Celani. **Escola Rural: urbanização e políticas educacionais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. 119p. (Questões da nossa época).

LUDKE, Menga. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas/ Menga Ludke, Marli E.D.A. André- São Paulo: EPU, 1986.

MOLINA, Mônica Castagna. O Campo da Educação do Campo. In: CALDART, Roseli Salete; JESUS, Sonia Meire Santos Azevedo. **Contribuições para a construção de um Projeto de Educação do Campo**. Brasília: 2004.

MACHADO, Carmen Lucia Bezerra et al. **Teoria e Prática da Educação do Campo: Análises de Experiências**. Brasília: MDA, 2008.

MEDEIROS. Evandro Costa de. **Educação do Campo em Movimento: Ações da UFPA/Marabá**. Marabá: UFPA, 2006.

MICHELOTTI, F.; Ribeiro, B.; Souza, H. e Freitas, R. L. de A. (2007) **O Agrário em Questão**: uma leitura sobre a criação dos assentamentos rurais no Sudeste do Pará. Anais do II Encontro da Rede de Estudos Rurais. Rio de Janeiro, setembro de 2007.

MUNARIM, Antonio. Elementos para uma Política Pública de Educação do Campo. In: MOLINA, Monica Castagna. (org), **Educação do Campo e pesquisa questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

GIROUX, Henry. A Repensando a Linguagem da Escola. In: _____. **Os professores como Intelectuais**: Rumo a uma pedagogia Crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

HAGE, Salomão Antonio Mufarrej; ALMEIDA, Luciane Soares. **Desafios da educação nos assentamentos da reforma agrária na Amazônia paraense**. Disponível em <http://www.alasru.org/cdalasru2006/20Almeida.pdf>. Acesso em 25 jan. 2011.

HÉBETTE, Jean. **Cruzando a Fronteira-30 anos de estudo do campesinato na Amazônia; A questão Agrária**: problemas e conflitos não resolvidos. Vol.2, Belém: Editora universitária UFPA, 2004.

SILVA, Maria do Socorro. **Da raiz à flor**: produção pedagógica dos movimentos sociais e a escola do campo. In: Monica Castagna molina. (Org.), **Educação do Campo e pesquisa**: questões para reflexão. Brasília: Nead, 2006.

_____, Educação do Campo: bases para uma reflexão. In: CONTAG. **Educação do Campo: Semeando sonhos... cultivando direitos**.Confederação dos Trabalhadores na Agricultura-CONTAG/Maria do Socorro Silva, Brasília/DF: 2002

_____, Educação como direito: Reler o passado, Refletir o Presente e Projetar o Futuro. **In: Práticas pedagógicas e formação de educadores (a) do campo**. Alessandra da Costa Lunas; Eliene Novais Rocha (org.). Brasília: Dupligráfica, 2009.MDA, 2008.

RAMOS, Marise Nogueira. **Currículo Integrado**. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/upload/d/curriculo_integrado-_-recortado.pdf>. Acesso em: 20 de novembro de 2011

SANTOMÉ, Jurjor Torres. **Globalização e Interdisciplinaridade: o currículo Integrado**. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SILVA, Maria do Socorro. **Educação do Campo: semeando sonhos... Cultivando direitos**. Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura - CONTAG. Brasília /DF, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu Da. **Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOUZA, Maria Antônia de. **Educação do Campo: políticas, práticas pedagógicas e produção científica**. Educ. Soc. Campinas, vol.29, n.105, p.1098-1111, Set./Dez.2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 20 de outubro de 2011

ANEXOS

Anexo: 01

Roteiro de entrevista com os professores/ base para dialogo e observação

1. Como eles compreendem o que eles fazem.
2. Quais os significados que eles atribuem a suas práticas diante do programa saberes da terra?
3. Quais são os desafios encontrados no desenvolvimento do programa saberes da terra?
4. Que avaliação eles fazem da Proposta Curricular do Programa Saberes da Terra?
5. Como eles se satisfazem como aquilo [prática] vocês poderiam fazer melhor o que falta? Como profissional? Dentro da proposta curricular do programa saberes da terra.
- 6.

Como é que o sujeito compreende sua formação

1. Como eles compreendem a formação que estão recebendo do programa saberes da terra?
2. Como eles acham que essa formação do programa saberes da terra impacta naquilo que eles fazem nas suas práticas docentes?
3. Que aprendizagens eles teriam que terem que aprender como professores para fazerem praticas diferente?
4. O que vocês realizam que contrariam a proposta curricular do programa saberes da terra?
5. Vocês recebem pela secretaria uma formação considerando que às vezes a realidade do aluno não é respeitada?
6. Que conhecimentos vocês acreditam ser necessário o educando do campo aprender?
7. Vocês fazem alguma adequação seja de conteúdo ou metodologia?
8. Quais os principais desafios encontrados?[ver a fala e comparar como que vir nos momentos de observação]

Roteiro de entrevista com os alunos/ base para dialogo e observação

1. Como vocês compreendem a proposta curricular do programa saberes da terra?
2. O que há de diferente nesta turma?
3. Para você qual é avaliação que você faz desde o inicio do programa e agora na finalização?

4. Quais os desafios enfrentados no decorrer das aulas?
5. O que mudou na sua concepção?

FOTOS DA TURMA



Fonte: Taináh Sôffa, tiradas em novembro 2009 e dezembro de 2010.